

Copyright © by CEFET-MG
Todos os direitos reservados.

Organização

Tiago Mendes de Oliveira
Luiz Henrique Oliveira

Entrevistado

Marcelo Spalding

Transcrição da entrevista

Theresa Natividade Ciolete
Tiago Mendes de Oliveira

Revisão

Theresa Natividade Ciolete
Tiago Mendes de Oliveira
Luiz Henrique Silva de Oliveira

Diagramação

Isabela Cristina Silva Mesquita
Roberta De Bon Silva Mesquita
Letícia Santana Gomes

Fotografia da capa

Ederson Nunes (imagem cedida pelo entrevistado)

Tiago Mendes de Oliveira
Luiz Henrique Oliveira
(orgs.)



MARCELO SPALDING

A374

Marcelo Spalding/ Tiago Mendes de Oliveira,
Luiz Henrique Oliveira, (orgs.).
Belo Horizonte: CEFET-MG, LED, 2022.
40 p. - (Coleção Palavra editada, v.3).
ISBN: 978-65-87948-18-8

1. Edição. 2. Editora. 3. Editor. I. Oliveira, Tiago. II.
Oliveira, Luiz. III. Título.

CDD: 070.5

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus I - CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6-3261



palavra editada

APRESENTAÇÃO

Desafios de Escrever e Publicar no Brasil

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mas enquanto houver um poeta, uma língua e um leitor, lá haverá literatura. Seja na pedra, no papel, na tabuleta, no tablet, na terra, no espaço ou no ciberespaço.”

Marcelo Spalding (2012)

O Projeto Palavra Editada, e a coleção homônima dele decorrente, possui por objetivo entrevistar profissionais dos campos editorial e livreiro e publicar este material no formato de livros e/ou livretos pela LED – Editora Laboratório do Curso de Letras (Tecnologias da Edição), vinculado ao Departamento de Linguagem e Tecnologias do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – DELTEC/CEFET-MG.

Diante disso, no dia 14 de dezembro de 2021, conversamos com Marcelo Spalding, escritor e professor de escrita criativa, formado em Jornalismo e em Letras, com mestrado e doutorado em Letras, além de ter realizado pós-doutorado em Escrita Criativa. Spalding organizou mais de vinte livros. Também é editor e diretor da Metamorfose Editora e Cursos. Sua dissertação de mestrado, sobre minicontos, e sua tese de doutorado, sobre literatura digital, são pioneiras nas temáticas abordadas e continuam sendo referência.

A entrevista foi realizada por videoconferência, gravada e transcrita pela equipe do Projeto. O entrevistado deu uma verdadeira aula sobre o funcionamento do mercado editorial e livreiro no Brasil, sobre literatura e sobre oportunidades para as pessoas formadas na área. Ademais, discorreu sobre sua formação como escritor e editor e sobre sua produção acadêmica.

O material que o leitor tem em mãos é, portanto, vasto e diverso em conteúdo de interesse, uma vez que a perspectiva desde dentro, trazida por Spalding, ajuda-nos a entender parte dos desafios inerentes aos bastidores da produção do livro no país. Assim, convidamos à leitura da entrevista, bem como acompanhar o trabalho desenvolvido pelo nosso entrevistado.

Por fim, reiteramos nossos agradecimentos ao Marcelo Spalding, pela generosidade e atenção, e a todas as pessoas envolvidas na realização do Projeto Palavra Editada.

Me. Tiago Mendes de Oliveira

Doutorando em Estudos de Linguagens – POSLING/CEFET-MG
<http://lattes.cnpq.br/1429155121636329>

Dr. Luiz Henrique Oliveira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens –
POSLING/CEFET-MG
<http://lattes.cnpq.br/2031878470909116>

ENTREVISTA

Tiago Mendes: Primeiro, Marcelo, a gente gostaria de agradecer muito a sua participação no nosso projeto. A primeira pergunta é sobre como começou a sua relação com a palavra? Você é leitor desde criança? Sempre quis ser escritor?

Marcelo Spalding: Eu comecei a escrever desde muito novo, mas eu ganhei um concurso quando eu tinha onze anos no Zero Hora, chamado “Jornalista Por Um Dia”, e esse concurso foi o que despertou aquela coisa de que a gente com onze anos que ser jogador de futebol, quer fazer mil coisas, mas eu descobri naquele dia que o que eu sabia fazer um pouquinho melhor do que os outros era escrever. A partir daí, eu passei a ler ainda mais do que eu já lia, passei a escrever para escolas, escrever histórias, e acabei ganhando o mesmo concurso de novo com quinze anos. Foi a primeira vez que alguém ganhou o concurso em duas categorias diferentes com idades diferentes. E eram prêmios bons, eu viajei para Brasília com tudo pago no primeiro, para Minas Gerais no segundo. Ali eu decidi que eu ia trabalhar com as palavras. No fim, eu fiz jornalismo, acreditando que jornalista escreve bastante, mas jornalista até escreve, mas não é exatamente o que a gente mais faz. Ao longo do jornalismo, eu publiquei meu primeiro livro, *Cinco pontas de uma estrela*, com dezessete anos. Na época foi uma publicação independente, isso no ano 2000. Então, eu posso dizer que eu tenho 21 anos de mercado editorial, porque, como eu publiquei de forma independente, eu tive que ir atrás de gráfica e tudo mais. E dali em diante as coisas foram se conectando, aos pouquinhos eu fui entrando na área da Letras, fiz oficina com o Assis Brasil¹, comecei a ministrar oficinas, também já dei aula em faculdade. Mas o começo de tudo foi com esse prêmio aos onze anos, que foi muito estimulante.

¹ Oficina de Criação Literária, mantida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e ministrada por Luiz Antonio de Assis Brasil, desde 1985. Maiores informações: <<https://www.pucrs.br/humanidades/oficina-de-criacao-literaria/>>.

Tiago Mendes: E como editor? Como você pensou: “agora vou trabalhar nos bastidores do livro, vou abrir a Editora Metamorfose”?

Marcelo Spalding: Algumas coisas foram acontecendo. Em um primeiro momento, essa publicação independente com dezessete anos, e então, sem saber, ali eu estava fazendo um trabalho de edição, mas tudo muito amador, tudo muito pessoal, até porque a tecnologia da época não era a de hoje. Mas quando eu comecei o doutorado, isso deve ter sido 2012, 2010, em Literatura e Novas Tecnologias, estudando um pouco esse meio, eu comecei a ver a importância dos *e-books*. E eu tinha o palpite de que os *e-books* e o livro digital iriam crescer, iriam se tornar um mercado importante. Eu distingo o livro digital de *e-book*, na tese² eu faço uma distinção do que é livro digital e do que é *e-book*, e a minha ideia era que o livro digital teria um espaço no mercado. Na época, eu trabalhava fazendo sites na internet e eu estava cansado. Enfim, saí desse negócio e montei uma empresa de livros digitais chamada WW Livros. Só que, naquele mesmo ano, eu passei para dar aula na universidade e acabei não seguindo adiante com o projeto dos livros digitais e fiquei dando aula na UniRitter, universidade com sede aqui no Rio Grande do Sul. Segui dando aula, comecei a dar oficinas e lá na universidade surgiu a oportunidade de trabalhar na editora da UniRitter. Fui editor assistente primeiro, depois editor executivo, e me dei conta de que, por mais que o livro digital e o *e-book* de fato fossem crescer com o tempo, as pessoas ainda queriam publicar livro em papel. Eu já dava oficina e os meus alunos pagavam dez, quinze mil reais para fazer um livro. Então eu pensei: “vou transformar a minha editora em uma editora de livros impressos”. E aí, em 2015, convergiram três coisas: primeiro, essa ideia dos alunos que queriam publicar livros; segundo, eu estava em um momento meio de crise com a minha produção, e aí eu a trouxe para minha editora; e terceiro, surgiu o curso da Metamorfose, curso de formação de escritores, e surgiu este estalo: “por que não publicar os livros dos alunos no final do curso?” Surgiu, então, em 2015, a Editora Metamorfose.

² SPALDING, Marcelo. *Alice do Livro Impresso ao E-book*: Adaptação de Alice no País das Maravilhas e de Através do Espelho para Ipad. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/67268>>.

Luiz Henrique: Por que metamorfose? Você pode falar um pouco sobre a escolha do nome? Tinha a ver com esse momento? E comentar um pouquinho sobre o logo da Metamorfose.

Marcelo Spalding: O nome Metamorfose foi para empresa de cursos, Metamorfose Cursos, e aí tem mais a ver até com Kafka³, embora eu goste muito do conceito do Raul Seixas⁴, metamorfose ambulante. Eu digo que a Metamorfose é uma mistura do Kafka com Raul Seixas. E é de fato, porque o curso te faz, te transforma, te provoca, é a metamorfose ambulante. E ao mesmo tempo aquela coisa do Kafka, da densidade, do peso que tem o texto e a literatura, porque a gente trabalha com literatura. Então, a Metamorfose Cursos surgiu por causa dos cursos, aí a Metamorfose Editora foi quase que automático. Demorou alguns meses ainda para editora mudar de nome, mas pareceu lógico e fez muita diferença. Até me surpreendeu que os domínios estavam desocupados, que não havia outra editora com esse nome, a gente até já conseguiu registro no INPI⁵ de Editora Metamorfose, porque parecia tão óbvio, metamorfose, e, enfim, deu tudo certo. Mas o *designer* fez na época a *logo* de uma borboleta, naturalmente, não tinha como ser diferente, e a gente acabou simplificando o *logo* para os livros, transformando-o em um *logo* preto, então aí é mérito do Gustavo, que foi o nosso *designer* na época. E vou dizer que já me mandaram alguns *prints*, tem uma Metamorfose que vende produtos naturais, não sei em que cidade, que é uma borboleta no logotipo, não tem como fugir, metamorfose lembra borboleta.

Tiago Mendes: Nós achamos muito interessante a questão de uma das asas ser pixelada, convocando esse movimento para o digital ou alguma coisa assim.

Marcelo Spalding: Tu vê como a produção vai além do artista. Não sei se o *designer* planejou alguma coisa assim quando fez isso. Ele não me

³ Há várias edições do livro “*A Metamorfose*” de Franz Kafka, em editoras como Antofágica, Companhia das Letras, L&PM, Melhoramentos...

⁴ Canção “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas e Paulo Coelho.

⁵ Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

mandou um conceito e, na época, eu também não tinha me dado conta. O curso era para ser presencial. Essa coisa do curso é curiosa. Eu já fazia cursos online e oficinas online desde 2012. Comecei fazendo uma turma na UniRitter, mas era muito burocrático, tinha que se inscrever pessoalmente e tal, e eu pensava: “poxa, não faz sentido se é online, né?” Então, como eu já sabia fazer sites, já tinha o meu servidor, baixei o Moodle por conta própria e, em 2012, houve a primeira turma. O curso foi bem, foi até muito maior do que eu esperava, só que eu sempre achava assim: “em algum momento vai surgir um curso que vai acabar com o meu, muito maior, mais barato”. De fato, hoje tem Uol Educação, Domestika, Hotmart. Na época nem existiam essas coisas. Daí a ideia de usar o dinheiro para comprar uma sala e fazer o curso presencial, porque eu imaginava que o presencial me daria mais segurança, que seria mais difícil de acabar com o presencial. E, de fato, foi o que eu fiz. No fim, no presencial, eu tive uma ideia boa, que foi a formação de escritores. O curso acabou sendo muito maior do que as oficinas e não é que no meio da pandemia eu tive que mudar tudo de novo? Porque no meio da pandemia o presencial ficou para trás e o online voltou com força, mas o curioso é que eu nunca perdi mercado. Claro que hoje eu tenho muito mais oficina do que tinha na época, já faz quase dez anos, mas a minha oficina sempre continuou tendo aluno, tendo procura; tem um conceito muito claro e muito diferente da maioria, que é ler o texto dos alunos, eu mesmo que respondo os e-mails e que leio os textos. Então, talvez, na época, eu nem tenha me dado conta dessa digitalização da Metamorfose, mas falando agora, Tiago, é um bom *storytelling*, porque a Metamorfose surge depois dessa oficina online, surge em 2015. É um bom *storytelling*.

Luiz Henrique: Como é definido o catálogo da Metamorfose, Marcelo? Quais critérios a editora adota para escolher os livros que serão publicados?

Marcelo Spalding: Acho que primeiro é importante explicar o que é a Editora Metamorfose, porque ela é um pouquinho diferente do que as pessoas pensam olhando o nosso site, todo organizado e bem-feito, parece que a gente é um prédio e não é nada disso. A Editora Metamorfose, na verdade, é uma editora-escola. Não sei se tem muitas

editoras-escolas no Brasil. A minha inspiração é a editora da UniRitter, onde eu trabalhei. As próprias editoras universitárias têm esse dilema do que elas são, mas para nós é muito claro, a gente é uma editora-escola. Ou seja, a editora existe para publicar os livros dos alunos que concluem o curso e encontram no mercado editorial uma dificuldade muito grande. Eu costumo dizer que, na verdade, a gente não deveria existir, porque se o mercado funcionasse bem não precisaria da Editora Metamorfose. Os alunos saíam do curso e teriam espaço em outras editoras por modelos de negócios justos, com bom atendimento. Como isso não acontece, a gente acaba tendo que ajudar os alunos nessa publicação. E aí criamos a editora, mas a editora não é exatamente comercial. A gente não tem equipe comercial, não tem distribuição, eu tenho um relacionamento muito ruim com livrarias, por vários problemas que já tive. Então, a Editora é uma editora-escola, é uma editora-laboratório, como temos, por exemplo, hospitais-escola nas universidades. Na prática, o que aconteceu com o tempo é que, como o mercado editorial é um mercado em transformação e com algumas lacunas, com alguns problemas, a gente acabou sendo procurado por professores do curso e publicou livros do Airton Ortiz e Jane Tutikian, que são pessoas premiadas, porque eles encontraram em nós uma novidade, alguma coisa diferente. Além disso, alguns livros nossos começaram a ganhar prêmios importantes, agora no Jabuti⁶ a gente teve dois finalistas. É curioso, porque é como se a gente fosse uma escolinha de futebol competido no Campeonato Brasileiro, é uma coisa muito curiosa isso. Somos uma editora de lançamento, uma editora que não publica livros pagos pelo autor, com raras exceções que caem no colo e não tem como fugir. Por exemplo, quando é um parceiro nosso de muito tempo. Os livros são, sim, feitos em parcerias com o autor, mas só os alunos que terminaram o curso. Agora, o pessoal que entra no site e manda o livro, a gente não tem feito, até porque não é esse o projeto. Na Editora Metamorfose, além dessa publicação do livro dos autores, surgiu, com o tempo, uma linha de livros que a gente tem cada vez investido e lançado mais, que são livros sobre a escrita. Então a gente também tem feito livros sobre escrever para quem gosta de escrever e

⁶ Clube do Rock (Marcelo Spalding e Adriana Maschmann) e O Vizinho Alemão (Mario Augusto Pool), ambos na categoria Juvenil. Maiores informações: <<https://editorametamorfose.com.br/noticias/11040/livros-da-editora-metamorfose-sao-finalistas-do-premio-jabuti>>.

para quem quer escrever. Já são cinco livros⁷ e em 2022 a ideia é fazer mais dois. Acabou sendo uma linha editorial que está crescendo, quem sabe, no futuro, a Editora até tenha uma equipe comercial para essa linha especificamente.

Luiz Henrique: A este respeito, tem um livro seu que eu gosto muito, o Escrita Criativa para Iniciantes, que na verdade não é só para iniciantes, é para todo mundo. Como surgiu esta publicação?

Marcelo Spalding: Esse livro é resultado de uma oficina do curso online que eu montei lá atrás e eu estou sempre trabalhando nele. O pessoal pedia um PDF, uma apostila, então parei para fazer o livro e achei que iria ser mais fácil. Achei que iria ser copiar e colar. Só que muita coisa que a gente faz em uma oficina, tanto em termos de linguagem, como, por exemplo, um miniconto ou um conto que uso na oficina, eu não podia usar no livro. Algumas brincadeiras ou piadas eu não podia usar no livro, algumas coisas datadas, então, foi um trabalho de edição grande. Mas, mesmo assim, eu estava travado nisso. Eu tinha dúvida se eu o chamava de Escrita Criativa ou de Criação Literária. Eu fiquei sabendo que a Assis Brasil estava para lançar um livro nesse estilo⁸, aí piorou. Pensei: “Meu Deus, o que eu vou fazer? Vou ter que lançar com a pretensão um livro de escrita criativa. Eu tenho uns *insights*, às vezes, em noites de insônia em que veio essa ideia: “para iniciantes”⁹. Isso me libertou, me ajudou muito, porque esse é o conceito, é um livro de escrita criativa que um iniciante consegue ler e acompanhar. Não é um livro para um acadêmico, não é um livro como o da Assis Brasil. A pessoa, teoricamente, vai ler primeiro o meu e o da Assis Brasil depois. Aí eu corri para lançar antes dele, lancei

⁷ A Fantástica Jornada do Escritor no Brasil (Kátia Regina Souza); Escrita Criativa para Iniciantes (Marcelo Spalding); Fundamentos à Prática de Revisão de Textos (Mayara Espíndola Lemos); Os Porquês da Poesia (Vera Verissimo, Marcelo Rocha, Rafael Figueiredo e Luis Pokorski); e Questões Fundamentais da Escrita Criativa (Kátia Regina Souza). Maiores informações: <<https://editorametamorfose.com.br/livros-para-escritores>>.

⁸ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Escrever Ficção*. Colaboração de Luís Roberto Amabile. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁹ SPALDING, Marcelo. *Escrita Criativa para Iniciantes*. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

na feira do livro do ano anterior e eu acho que deu muito certo. A gente investiu tanto no projeto editorial, em capa dura e tal, quanto no texto. O pessoal realmente comenta isso: os iniciantes, os leigos leem, claro que eles podem sentir alguma dificuldade, porque eles não imaginam que é tão complexo, mas é complexo. A linguagem é para iniciantes: comparo com seriados, comparo com filmes. Por outro lado, as pessoas não se sentem subestimadas, porque tem uma densidade ali, tem uma teoria por trás, que é fruto do meu doutorado, mestrado, ou seja, tem uma base acadêmica por trás que as pessoas percebem.

Tiago Mendes: Quais os desafios de ter uma editora e dos profissionais do campo editorial para se iniciarem nessa profissão? O nosso curso de Letras é voltado para as tecnologias da edição. Qual a dificuldade de entrar nesse meio, visto que você comentou anteriormente que não é um setor que funciona muito bem. Por que esse é um meio tão difícil?

Marcelo Spalding: O meio editorial mudou mais nos últimos dez anos do que nos cem anteriores. E, em função da pandemia, talvez, no final, você diga que nos últimos cinco mais que nos cinquenta anteriores. E está mudando muito rápido, nem sempre para melhor. Quando eu reclamo do meio, tem várias questões aí. Eu acho que o ecossistema editorial, que inclui a editora, a livraria e o público, tem algumas falhas que é a maldita consignação das livrarias com as editoras. Isso é péssimo para as editoras pequenas, quase inviável. Eu não sei como a editora grande se sustenta assim. Isso também não é bom para as livrarias, tanto que quebraram as duas maiores do país, que são a Saraiva e a Cultura. E, pelo que eu acompanho nos grupos de editores, dos quais eu faço parte no *WhatsApp*, essa prática continua, as livrarias se financiam com as editoras. Então, “ah, eu vou abrir uma livraria nova, quem sabe a gente negocia 60% de desconto”. Poxa, como assim? Consignação, frete e desconto são inviáveis para a editora. É nesse sentido que eu acho que não funciona tão bem, acho que é uma falha do mercado editorial a ponta da venda. Não sei se tem algum outro setor que funciona assim. Duvido. Geladeira, computador, nada funciona assim. E os setores que, talvez, funcionassem assim, como a música, se digitalizaram. É um milagre

que o livro não tenha se digitalizado completamente, mas esses outros setores, como a música, se digitalizaram. Tenho vários problemas com a *Amazon*, mas antes de surgir a *Amazon*, o nosso livro estava na Livraria Cultura, a Saraiva nem quis saber dos nossos livros, a Cultura abriu as portas e recebeu os livros. Então, a gente tinha os livros na Livraria Cultura, mas quando alguém comprava um livro pela Livraria Cultura eu chegava a reclamar: “poxa vida, vendeu mais um”. Porque eu tinha que mandar o livro para lá, tinha todo o trabalho de envelopar e enviar, eu pagava o frete, eles faziam o modo de consignação, e eu iria receber no dia que eles resolvessem me pagar, porque era consignado. E no fim eu nem recebia. Recebia naquelas questões judiciais, parcelado e tal, mas não recebia na época que estava acordado que eu iria receber. Eu pagava para vender livro, mas tinha que estar no site da livraria. Quando surgiu a *Amazon* pelo *marketplace* ajudou muito, mas a *Amazon* tem uma postura um tanto quanto monopolista em vários aspectos, tanto na questão do digital e, chegando agora, no físico. Então ela se tornou também, de certa forma, um problema para o mercado de editoras, editoras grandes e médias. Como editora grande e média não consegue mais ter aquele *best-seller*, ou porque a pessoa lança diretamente por conta própria, ou porque a *Amazon* lança edital, enfim, elas não conseguem fazer caixa, elas não conseguem investir em novos autores. E como as editoras ganham dinheiro hoje? Editora, hoje, ganha dinheiro produzindo livro. Salvo, claro, algumas exceções, que a gente pode contar nos dedos, de editoras que investem em projetos literários. A maioria das editoras hoje vivem de fazer livros e não de vender livros. Isso é uma contradição, é muito curioso. Nos cursos eu falo para os alunos tudo isso e eles vão fazer o livro se quiserem, sabendo dessa questão. Porque, na prática, hoje, o livro de um autor iniciante sempre é um livro independente, não importa se ele vai bancar ou se a editora vai bancar, se o *crowdfunding* vai bancar, no fim das contas ele é quem vai vender e quem vai divulgar. Então, não sei se o mercado é difícil, Tiago, mas é complexo. Está mudando, pode ser que daqui a dez anos já tenha uma quantidade de editoras médias interessantes, ou ter algumas editoras com modelos de negócios legais para iniciantes. Nesse momento faz sentido a Editora Metamorfose existir nesse formato. Pode ser que daqui a alguns anos a gente faça parcerias com editoras do mercado ao invés de fazer os livros por conta própria.

Tiago Mendes: Falando dos profissionais do mercado editorial e livreiro, geralmente são pessoas com formações muito diversas. Como a gente forma um profissional? Como se forma um livreiro? Como se forma um editor, um revisor?

Marcelo Spalding: Eu não sei se vou falar contra ou a favor do curso de vocês, mas, na minha opinião, o curso de Letras deveria ser o curso para tudo isso. Aqui no Rio Grande do Sul, nós temos a escrita criativa, a PUC trouxe o mestrado, trouxe o doutorado e há pouco trouxe o tecnólogo, graduação. Eu mesmo questiono quando alguém pergunta: “Marcelo, faço esse tecnólogo?”, eu digo: “não, faz Letras”. Porque a Letras abre um horizonte com várias possibilidades, você pode vir a trabalhar como escritor, como editor, como revisor etc. Mas só o curso de Letras não é suficiente, assim como um advogado que termina o curso tem que fazer pós-graduação, o médico também. O curso de Letras deveria ser mais valorizado pelas universidades. Acho muito interessante, e foi um dos motivos pelos quais eu saí da universidade em que eu dava aula, que o curso de direito e de jornalismo não tinham mais português na grade. É complicado, é difícil. É uma cadeira online daquelas que tu fazes sozinho, com mil alunos e não tinha português na grade. Eu sei que isso é uma prática das universidades em geral. Acho que o curso de Letras tem que ser valorizado, até dentro de outras graduações. Dentro do curso de Letras a pessoa vai trabalhar como editor, trabalhar como revisor, trabalhar como escritor, como produtor de conteúdo para a *web*. A Letras tinha que abraçar mais algumas áreas do conhecimento, algumas funções da era digital que quem abraça é a publicidade, o jornalismo. Hoje não tem fronteiras, hoje todos podem. Sem contar que Letras é a minha segunda graduação e a Letras é uma segunda graduação maravilhosa, tanto para quem faz primeiro Letras e depois outra coisa, tanto para quem faz alguma outra coisa e depois faz Letras. Porque te dá uma base, te dá uma densidade incrível. Eu não me arrependo de ter feito Letras e aconselho a todo mundo que me pergunta e está meio perdido: “faz Letras”. Só fico com pena que tenham poucos cursos de Letras – Português, muitos são cursos de Letras – Inglês/Português, o que não é um problema, mas dilui um pouco o foco no Português, o foco em questões como o mercado editorial etc. E, também, que o curso de Letras não esteja olhando para a escrita criativa e menos ainda para o mercado editorial. Parabêniso

vocês que estão no curso de Letras falando desses assuntos, a gente não vê muito isso.

Luiz Henrique: O nosso curso de Letras é bacharelado em tecnologias da edição. Então ele tem esse sonho, um sonho de dez anos, crescendo, de formar profissionais que consigam transitar entre o impresso e o digital e respondam às demandas contemporâneas do campo editorial. O mercado tem nos respondido com uma boa absorção desse alunado, no âmbito da revisão, no âmbito da diagramação, no âmbito da escrita criativa, no âmbito da produção de conteúdo para a web. Muitos se tornaram MEI¹⁰, ou estão trabalhando para empresas de publicidade, a redação publicitária. O nosso foco, inicialmente, era um curso de Letras, não pode sair desse chão dos domínios dos estudos linguísticos e literários, que conseguisse ter um dos eixos, específico e, portanto, direcionado ao campo editorial. Parece que o sonho tem dado certo. No nosso curso de pós-graduação, nós temos a Linha 4: Edição, Linguagem e Tecnologia, que é uma espécie de possibilidade de desdobramento das reflexões que estão lá atrás. É um dado curioso que nesse momento nós temos recebido profissionais de diversas origens, de diversos cursos, que não o curso de Letras. Esses dez anos tem mostrado a boa recepção dos nossos egressos nesse mercado digital e impresso da edição.

Marcelo Spalding: Na verdade o mercado é um desafio, como jornalista a gente já sente isso. É um mercado com cada vez menos emprego e mais trabalho, esse é o único “porém” que as pessoas que fazem um curso desse tem que entender. O emprego de carteira assinada não existe muito e quando existe remunera mal, porque para a empresa acaba sendo muito arriscado ter alguém fixo, com carteira assinada.

Luiz Henrique: Você acha que o mercado editorial hoje é o mercado da precarização? Ou não é uma especificidade do mercado editorial, por que estamos em uma era da precarização?

¹⁰ Microempreendedor Individual.

Marcelo Spalding: Não é uma especificidade do mercado editorial. Acho que essa discussão valia um simpósio, vale duas horas de conversa, e eu não sou economista, sou um palpiteiro aqui, e estou do lado de quem já foi empregado, de quem tem empresa. Acho que é um fato, talvez o mundo esteja indo para o lado do trabalho e menos para o lado do emprego. E essa minha frase que o emprego paga mal, talvez não seja só hoje. Talvez a vida inteira os empregos pagaram menos do que poderia se ganhar prestando serviço sem a garantia da carteira assinada. Tanto que a mais-valia é isso. A mais-valia é tu conseguir ter um retorno em cima do salário do seu funcionário. Quem está nesse curso tem que entender que a gente precisa trabalhar com empreendedorismo, com finanças, criar sua própria aposentadoria, se organizar financeiramente, porque vão ser poucos empregos e nem sempre vai valer a pena. Hoje mesmo teve uma menina que, conversando comigo, disse que foi demitida e que ganhava entre R\$ 1500,00 e R\$ 1300,00, trabalhando oito horas por dia, e eu disse para ela que se ela pegar três clientes por mês, cobrando R\$ 500,00, ela ganharia R\$ 1500,00. É mais difícil porque é um mercado que não tem muita regulação, é uma coisa de cada um por si. Revisão, por exemplo, pouquíssimas empresas contratam revisores e quando contratam é para trabalhar pra caramba, se colocar por hora e por lauda o valor vai lá embaixo. Mas trabalho tem, então, o empreendedorismo é uma parte importante para quem vai seguir esse rumo. E Luiz, não me surpreende que pessoas de áreas diferentes procurem o curso, porque a produção editorial envolve áreas diferentes. A gente fala aqui da Letras porque a gente é da Letras, a gente gosta, e eu acho que o texto está em primeiro lugar, mas tem o pessoal do *design*, que também é uma profissão com pouco emprego e muito trabalho. Tem muitos ilustradores que buscam o mercado editorial, e alguns administradores, que gostam de literatura, gostam de livros e aí buscam ter editoras. Eu conheço alguns donos de editoras que são advogados, administradores, e acabam nos dando um banho no ponto de vista dos negócios, do *marketing* etc., porque eles têm formação nisso. Eu acho que o mercado editorial é um mercado interdisciplinar por natureza. Agora, precarizado é tanto quanto o Brasil. É a coisa do Uber e do táxi. Uma vez um amigo me disse que eu aprendi a transformar bico em negócio e isso foi o meu grande pulo do gato. Assim como eu fazia oficina aqui, fazia revisão ali, eu consegui organizar isso e transformar no principal, fazer um site, criar o CNPJ¹¹ e virou um negócio.

¹¹ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

Luiz Henrique: Que é o cerne do empreendedorismo, né?

Marcelo Spalding: É. Hoje a gente vai ter uma grande quantidade de pessoas empreendedoras individuais, empresas caracóis, e eu acho que o caminho vai ser esse. O problema é que há um *gap* de geração e também de perfil. Nem todo mundo tem perfil para ter negócio, a gente não foi nem educado para isso na escola. Minha família toda é de funcionários públicos. A escola educa para fazer provas, para fazer testes, ser obediente, ter disciplina. Então, já está tendo uma certa dificuldade de acomodação disso, mas o caminho, para o bem ou para o mal, é o empreendedorismo, o trabalho de livre iniciativa, pelo menos nesse mercado. Existem outros mercados que demandam mão de obra, os mercados da informática, da engenharia, são um pouquinho diferentes. Mas por que acontece isso? Eu falei que tem mais editoras hoje. Rapidamente vocês mapeiam duzentas editoras no Brasil, se pegar os finalistas do Jabuti é capaz de ter mais. Antes existiam menos editoras, só que elas eram maiores. Havia uma concentração maior em poucas editoras, o que permitia o poder econômico de ter funcionários, de ter equipes etc. Hoje não. Inclusive, há um gargalo, de pequenas empresas para fazer distribuição para pequenas empresas, para fazer agenciamento literário para pequenos escritores. Ainda falta preencher alguns *gaps* desse mercado, considerando que tudo hoje é terceirizado. A gente tem dificuldade de encontrar uma boa distribuidora para pequenas quantidades. Agente literário é uma dificuldade absurda, ou é picareta ou já tem os grandes autores e não quer saber dos pequenos. Eu acho que falta, acho que tem espaço, sim, para esses negócios, para pequenos negócios irem entrando na cadeia do livro.

Tiago Mendes: Você tem um longo percurso acadêmico na Letras e na Comunicação. Você acredita que essa experiência contribui para o seu trabalho de escritor e editor ou há uma cisão entre o mundo acadêmico e o mundo editorial?

Marcelo Spalding: Eu acho que contribui. Inclusive, a minha entrada no meio acadêmico teve muito a ver com a minha iniciativa no mundo editorial. Eu só fui chamado para a entrevista que previa dar aulas na

UniRitter porque eu tinha livro publicado, o coordenador do curso ficou curioso com isso e me chamou, eu tinha 28 anos. Depois, eu só fui para a editora da UniRitter porque eu tinha experiências com livros e tinha trabalhado com livros. Então esses mundos dialogaram. O aprendizado que eu tive na universidade, com certeza, me ajudou no meio editorial. Cada vez mais a universidade e o mercado de trabalho precisam estar próximos e lado a lado. Alguns cursos se encastelam muito, especialmente o da escrita criativa que, às vezes, trabalha muito com o conceito da alta literatura, literatura para poucos, literatura para prêmios, e vira de costas para a literatura mais comercial, para o público. Isso não é uma boa estratégia. Isso acaba frustrando muito os alunos e depois eles acabam tendo dificuldade em se encaixar. A universidade precisa, sim, olhar para o mercado e o mercado estar em parceria com a universidade. Mas eu vejo iniciativas quanto a isso. Os professores da Letras aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, têm projetos culturais bem importantes na cidade, como Luís Augusto Fischer, Jane Tutikian. Isso acontece hoje em dia, não acho que estão tão distintos assim.

Tiago Mendes: Nós falamos há pouco sobre as dificuldades dos profissionais no campo editorial e agora vamos falar um pouco das dificuldades de um escritor iniciante. Por que é tão difícil se tornar escritor no Brasil? Você acredita que projetos como a Editora e Cursos Metamorfose, da PUCRS, que são muito conhecidos, podem facilitar essa caminhada ou é sempre um caminho difícil?

Marcelo Spalding: Eu sou suspeito para falar dos cursos, mas eu vou falar igual. Primeiro, ser escritor é difícil, mas, na verdade, qualquer coisa é. Se eu resolver ser jogador de futebol agora, ou se eu quero ser ilustrador, ou patinador, skatista, tudo vai ser difícil, porque tem muita gente querendo fazer isso. Coisas legais são difíceis de fazer profissionalmente. Vai ver se alguém que ser contador, contador ninguém quer ser. Agora, escritor todo mundo quer ser. Nas pesquisas do Instituto Pró-Livro, 40% das pessoas responderam que gostam de escrever no tempo livre e só 24% responderam que gostam de ler no tempo livre. Aí a gente já vê uma questão curiosa. Eu sou daqueles que acham que escrever é direito, ninguém precisa pedir licença para escrever. O problema de ser escritor

é que é algo que todo mundo quer e não tem tanto espaço assim, então é difícil, naturalmente. Há quarenta, cinquenta anos, as pessoas nem tentavam ser escritoras, porque elas sabiam que os caminhos eram bem difíceis. Tinha que ter acesso à mídia, à editora que tinha acesso a livraria. Meu avô mesmo tem um livro. Ele faleceu cedo, mas deixou um livro, um original manuscrito, na máquina, e ele nunca tentou publicar, porque as pessoas escreviam, mas elas não imaginavam que poderiam ser escritoras. O que mudou é que hoje as pessoas sabem que dá. É difícil, mas é possível. Antes não era difícil, era impossível. Me parece que é, sim difícil se tornar um escritor, mas é difícil se tornar qualquer coisa, ainda mais nessas áreas que não são reguladas, que não tem um vestibular, uma faculdade, um concurso. Não tem, para o bem e para o mal, não tem. Então, sim, é difícil ser um escritor iniciante, porque muita gente quer ser escritor. O que um curso como esse facilita é que, primeiro, muita gente tem uma certa ingenuidade do que é ser um escritor. A pessoa escreve um livro de madrugada, quer publicar e publica, paga para publicar, e reclama que não vendeu e que nada aconteceu. Não é assim, ninguém vira engenheiro do dia para a noite, ninguém vira farmacêutico do dia para a noite. A pessoa que quer ser uma escritora profissional, que quer ser lida, precisa trabalhar técnica, não pode ser só a vaidade dela. O livro independente, às vezes, não é uma questão de custo, e cada vez menos, às vezes, é uma questão de vaidade. A pessoa mandou para a editora, a editora não publicou. Mandou para outra, a editora diz não, diz que o livro não está legal. E aí a pessoa publica sozinha, porque ela quer publicar daquele jeito, com aqueles erros, com aqueles “quês”, com aquelas frases longas, com aquele personagem etc. A autopublicação tem um pouco disso, publicação na teimosia. Tem essa dificuldade, a dificuldade do equívoco das pessoas que, às vezes, não entenderem bem o que é ser um escritor e, com isso, acabam se decepcionando pelos motivos errados. E é nesse sentido que um curso como o nosso ajuda muito, porque nas primeiras aulas eu já falo coisas desse tipo e a pessoa para e pensa: “Ah, é verdade. Eu achei que era mais simples”. Eu tive esse problema. Quando eu tinha dezessete anos e tinha ganhado prêmios, tinha passado no vestibular em uma federal, fui para a oficina do Assis Brasil pensando assim: “Bom, agora só vai. Vou ganhar o Jabuti daqui uns dois anos, porque eu sou genial”. Eu achava que existiam escritores maravilhosos e os fracassados, era assim que eu pensava. Os conhecidos e

famosos e os fracassados. Claro que na oficina já caiu toda essa ilusão, foi terrível. Eu tinha dezesseis colegas maravilhosos, muito bons, com textos ótimos e nenhum deles era conhecido, e até hoje não são conhecidos. A gente percebe que escrever bem é um dos requisitos para se tornar escritor, mas não é o único. A oficina me deu esse baque, eu quase parei de escrever. Cursos honestos de escrita e de escritores que não ficam só batendo palma, bajulando e pegando o dinheiro da criatura, são úteis para colocar a pessoa na realidade, tirar a ingenuidade e mostrar que é possível. É difícil porque é possível. Se fosse impossível, seria fácil para quem conseguisse, seria só criar um vestibular. Prêmio SESC. Eu digo para eles: “Se vocês não querem ficar divulgando e editando livro se escrevam no Prêmio SESC, quem ganhar está com a vida de escritor resolvida. É um por ano, vestibular, tenta”. Se fosse só essa a forma seria bem mais complicado. O que torna difícil e angustiante é porque é possível. Todo dia a gente ouve falar de escritor que conseguiu, mas é muita gente para pouco espaço. Sem contar a desvalorização da leitura no Brasil, que é outra história, que torna o mercado ainda mais complexo no Brasil.

Tiago Mendes: Essa é uma questão que me incomoda muito, pessoalmente, porque existe uma certa ilusão de que tudo que se escreve é bom, e não é.

Marcelo Spalding: Nem tudo que se publica. Às vezes você vai na livraria, Cultura, Saraiva, entra na livraria, vê aquele monte de livro e diz; “nossa tem muita coisa aqui que é criminosa”. Livros que falam de *fake news*, que vendem dinheiro fácil ou que te vendem uma vida ilusória. Não é porque é livro que é bom, não é porque está publicado que é bom, pelo contrário. Concordo, as pessoas acham que só porque escreveram que é bom, e não. Claro que bom ou ruim também é critério, também é subjetivo, só isso renderia toda uma conversa. Mas concordo contigo. Não é porque eu escrevi um texto que eu tenho que publicar ou que ele é bom. É claro que não.

Tiago Mendes: Qual o papel dos revisores, editores, preparadores e profissionais afins na versão final do livro? Leigamente, a gente tem uma ilusão de que escreveu no Word e publicou.

Marcelo Spalding: Para mim, o grande X da questão no mercado editorial, hoje, são os editores. Está faltando editor, no sentido de que muitas editoras nem leem o livro do cara. Elas recebem o original, mandam o orçamento e a pessoa aceita o orçamento. Há algumas editoras mais sérias que mandam para alguma pessoa revisar, que não é o próprio editor, o editor não sabe nem o que está publicando. E tem editora que nem isso faz, só joga na diagramação e publica. A edição é o que está faltando. A *Amazon* é isso. Publicar na *Amazon* é pegar o teu livro que pode ser racista, antissemita, machista e publicar, sem ninguém ter feito um filtro, sem ninguém dizer que isso é publicável ou não. Pode ter erros, pode não ter erros. Não tem edição. A autopublicação elimina a edição. Por outro lado, autores um pouquinho mais conscientes, que entenderam a lógica da publicação, começam a contratar leitores críticos, preparadores e revisores por fora, por conta própria. Aí surge um outro mercado que visa atender os próprios autores. Eu já fiz esse trabalho, hoje não tenho feito mais. Também é mercado, já que as editoras não fazem, o mercado acaba fazendo. Mas muita gente publica sem fazer isso e isso é um problema em vários sentidos. O que falta, na minha opinião, é exatamente a edição, são editores.

Luiz Henrique: Você ministra cursos presenciais e a distância sobre escrita criativa e publica livros sobre esse tema, livros da sua autoria e de outras pessoas. Como formações do gênero podem contribuir para uma escrita de melhor qualidade, em termos de ficção e não-ficção?

Marcelo Spalding: A escrita criativa é técnica. Talento é importante, claro, mas quem sabe se a gente tem talento e para que tem talento? Eu, talvez, seja o melhor patinador no gelo do mundo, mas eu nunca vou saber, eu nunca tive a chance de andar de patins no gelo. Não se tem muito controle sobre o talento, o que tem é uma disposição incrível. Uma pessoa que se inscreve em um curso destes, paga para fazer um curso de escrita, disposição ela tem e isso é fundamental. O que ela precisa é de técnica, ela precisa tirar aquela ideia da cabeça e colocar no papel. Ela precisa saber que tem narradores, que existem formas diferentes de escolher o narrador. Na hora do diálogo, não é só despejar as palavras ali, tem uma

forma de organizar e pontuar o diálogo. Ela tem que saber que palavras como “denegrir” não são usadas mais. São palavras que ficaram para trás, que, hoje, são problemáticas no uso, e eu concordo que não se use. São questões técnicas mesmo, que a pessoa vai aprendendo em cursos e oficinas como esse. O Assis Brasil costumava dizer que a oficina vai ser um atalho para o autor. Aquilo que o Assis demorou trinta anos para aprender, o aluno, talvez, aprenda em um, dois ou três. Stephen King, no livro *Sobre a Escrita*¹², que, aliás, é muito bom, diz que uma oficina não transforma um aluno ou um autor ruim em genial, ele transforma o autor razoável em bom e o autor ruim em razoável. O gênio é outra coisa. Aliás, quem somos nós para dizer que alguém é um gênio? Isso o tempo vai dizer. A pessoa que não tem talento não vai adiante, ela vai tentar e vai ir para outra área. E mesmo assim ela vai escrever um pouco melhor. Vai escrever melhor no dia a dia, escrever e-mail, contratos etc. e ela vai, se tudo der certo, ser uma leitora melhor, que, no fim das contas, tem um valor enorme. Então, a oficina de escrita ajuda muito. É curioso que a gente ainda discuta isso no século XXI, se discutia mais antes, agora nem tanto, porque na música, nas artes plásticas, no teatro, nunca se questionou se deveria se estudar música, sempre se estudou música. “Há vou perder a minha criatividade se estudar música? Não.” Os músicos estudam muito, e sempre estudaram muito, porque música é técnica. Além do talento, além do “tocar de ouvido”, tem a técnica. Me parece que a escrita criativa é isso, é análoga a outras artes. Não é que a gente aprende a escrever bem, a gente aprende técnicas que quando bem usadas tornam o texto bom. Acho que é essa a questão.

Luiz Henrique: Você criou o primeiro jogo de tabuleiro do Brasil sobre escrita criativa, Marcelo, até o ponto que temos notícia. Como ele pode colaborar para o desenvolvimento da criatividade e como você teve a ideia de criar esse jogo?

Marcelo Spalding: O Celso Sisto me contou que a Sônia Rodrigues, se não me engano, filha do Nelson Rodrigues, no Rio de Janeiro, nos anos 2000, tinha um jogo de tabuleiro de escrita criativa. Eu troquei mensagens com

¹² KING, Stephen. *Sobre a Escrita: A Arte em Memórias*. Tradução: Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Suma/Objetiva, 2015.

ela, mas o jogo não está ativo, então eu não sei, exatamente, como era. Eu queria saber até para tirar esse rótulo, mas me parece que o conceito de escrita criativa surge um pouco depois. Como a ideia do jogo não é ser um jogo de criação de histórias, apenas, como é o caso de alguns baralhos, de alguns jogos de criação de histórias infantis, a ideia é misturar isso com técnica. A ideia surgiu porque os alunos pedem muito para ter exercícios práticos, eles pedem muito exercícios e a pior coisa é escrever com uma tela em branco. Aí surgiu a ideia de fazer um jogo que permitisse que eles escrevessem a partir de provocações. Primeiro, era um jogo de cartas, que tem o modo narrativa curta, são cartas com técnicas. Por exemplo, Tiago vai escrever um diálogo que termina assim e o conflito é ciúme. Então não tem só o assunto do texto, tem uma técnica, que é o diálogo. Continuei pensando, porque jogo de cartas já não seria original, e pensei em um tabuleiro para fazer uma narrativa longa. O que ficou muito interessante, porque são milhões de combinações possíveis, a partir da análise combinatória seguindo os passos do tabuleiro. A ideia foi fazer algum tipo de exercício prático, e tem funcionado, o pessoal tem gostado. É um jogo que conseguiu se pagar, vendeu a quantidade necessária para se pagar. É totalmente independente, não tem em lojas, só na internet. Eu fiz trezentos jogos e guardei na minha garagem, é uma coisa super pessoal. O pessoal, às vezes, acha que a gente tem uma empresa, com prédio e funcionários, e é tudo mais ou menos independente, o que eu acho até mais artesanal, mais interessante.

Tiago Mendes: É uma ideia muito interessante, nós gostamos muito da proposta.

Marcelo Spalding: Tem gente que já tem escrito livros com ela, tem gente usando em escolas, que é uma coisa que eu não sabia se funcionaria e funcionou. É o uso que você vai dar para a ideia. O principal é desbloquear, é a pessoa escrever a sua história, mesmo que ela ignore o enunciado que está lá, mas ela conseguiu destravar e ter o estalo para escrever a sua história.

Tiago Mendes: Agora, falando de algumas questões mais técnicas, mais acadêmicas, a sua dissertação de mestrado foi uma das

primeiras sobre microcontos e até hoje ela é uma referência no tema, ela é citada etc. Como você definiria o microconto e o que explicaria o sucesso do microconto na atualidade?

Marcelo Spalding: Eu vou trocar o termo para miniconto, porque miniconto é o conceito que pegou mais, digamos assim. Algumas pessoas fazem uma derivação em que o microconto é ainda menor que o miniconto. Eu não gosto muito, acho que essa distinção não é tão útil. Mas o miniconto está para o conto como o bonsai está para a árvore e como o haikai está para a poesia. Na verdade, essa miniaturização já existia em outras áreas, o minimalismo é muito forte, e na prosa isso foi um processo. O legal da dissertação¹³ é que eu fui buscando esse processo. A gente pega o Dalton Trevisan, no Brasil, pega também alguma coisa do modernismo, até chegar no miniconto. Eu não gosto de definir miniconto em palavras, ou em letras, embora alguns concursos e alguns editais, por questões metodológicas, colocam em trezentas palavras, ou colocam em uma página ou parágrafo. Eu acho que o miniconto é aquele texto enxuto em que tudo é dito, em que nada sobra. Parodiando Cortázar¹⁴, é ganhar no nocaute, no primeiro soco, no primeiro *round*. Não pode ter uma frase sobrando ou uma palavra sobrando. O miniconto é isso, como é o haikai para a poesia. Eu não definiria miniconto por palavras ou por páginas. Hoje, eu acho que mais de cinco linhas têm que precisar muito, mais de dez já começa a ficar prolixo, mas eu não gosto da medida, porque um miniconto menor pode funcionar muito bem. E dentro deles surgiram textos realmente muito curtos. O meu mestrado foi sobre os cem menores contos brasileiros do século, que é um livro organizado por Marcelino Freire¹⁵. Para dar um exemplo para quem está ouvindo e não conhece, a Cíntia Moscovich tem um que é assim: “Uma vida inteira pela frente. O tiro veio por trás”. É fantástico. A quantidade de subtextos, de imagens

¹³ SPALDING, Marcelo. *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século e a Reinvenção do Miniconto na Literatura Brasileira Contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13816>>

¹⁴ CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Debates, 104)

¹⁵ FREIRE, Marcelino (org.). *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*. Prefácio de Ítalo Moriconi. 3ª edição. Cotia/SP: Ateliê, 2008. (5 minutinhos)

que se criam. Eu tenho uma hipótese de porque o miniconto faz sucesso hoje. Quando o Edgar Allan Poe, lá na filosofia da composição¹⁶, falou sobre o conto, que, na verdade, depois se tornou o conto, ele não criou esse nome, *short story*, que a gente chama de conto, ele diz que o ideal é ler em uma sentada. E que o tempo de concentração é de duas horas, que é uma viagem de três, de um lugar a outro, que eu nunca lembro de onde para onde. Se a gente pegar os contos daquela época, de fato, eles têm vinte, trinta páginas que dão para ler em duas horas. Com o passar do tempo, a gente começa a ter no Brasil contos de três, quatro, cinco páginas. Nos anos 1960, que é a era de ouro do conto no Brasil, nós temos contos menores do que isso, e esses contos levam trinta, vinte minutos, que talvez fosse o tempo de concentração daquela geração. Quando a gente chega na geração do videoclipe, na geração da internet, do Twitter, o miniconto é perfeito. O Instagram, por exemplo, olha a dificuldade que é publicar um texto no Instagram. Voltou o haicai, voltou com força o *poetrix*, porque o miniconto é próprio dessa nossa era veloz, em que o tempo de concentração para a leitura, às vezes, é muito pequeno. Eu acho que o miniconto tem esse papel de um produto do seu tempo, digamos assim. É curioso que eu fui estudar o miniconto não porque eu seja fã de minicontos, não é que eu leia minicontos ao invés de ler romances, pelo contrário. Eu gosto muito mais de ler um bom romance ou um bom conto, mas eu gostei de estudar isto, de estudar o miniconto, tentar investigar como isso funcionava, se funcionava. Na academia é muito comum a pessoa fazer uma tese para provar que algo é bom, escrever sobre fulano de tal para mostrar como ele é genial. Calma! Isso é uma hipótese, vamos ver se ele é genial ou não é genial. Não dá para se apaixonar pelo tema. Eu gosto de miniconto, admiro, no Google, pelo menos, eu sou um dos primeiros que aparece em minicontos, porque eu sempre provoquei o tema, fiz oficinas, escrevo alguns minicontos, mas ele não é melhor ou pior do que nada, ele só é diferente e produto do seu tempo.

¹⁶ POE, Edgar Allan. *A Filosofia da Composição*. Prefácio de Pedro Sussekind. Tradução de Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. (Clássicos)

Tiago Mendes: Sempre existiram textos muito curtos, os aforismos, os versículos, as jaculatórias, piadas, os haicais, que você citou, mas esses textos parecem ter ganhado uma força nos últimos tempos. Isso seria só produto das mídias sociais e do espírito do tempo, como você falou, ou já existia uma certa tradição de textos curtos que estava sempre ali, meio largada, mas que nunca deixou de existir?

Marcelo Spalding: Acho que textos curtíssimos sempre existiram. O jornalismo e a publicidade se valem muito disso. Quando a gente fala de miniconto, a gente está falando especificamente de conto, de tudo o que o conto traz. O conto traz subtextos, traz provocação de efeito, isso que é o diferente. E junto com o conto vem a literatura, toda a tradição literária. Fazer ficção, narrativa com poucas palavras, é uma novidade. Só que é preciso fazer um parêntese. A gente, às vezes, fala assim: “Ah, mas o Hemingway tem um texto que é um miniconto, o Manoel Bandeira tem um texto que é um miniconto”. Se não me engano, Borges, ao se referir a Kafka, diz que é um clássico cria os seus precursores¹⁷. Então, havia, sim, alguns textos que hoje a gente pode ler como minicontos, mas era algo esporádico, que apareceu aqui e ali. A partir dos anos 1990 nós começamos a ver sistematicamente uma produção de narrativas ficcionais muito curtas e que funcionam, que tem subtexto, tem efeito, tem personagem. É diferente, sim, o movimento que surge nos anos 1990 e ele encontra a internet. A internet, na verdade, foi uma conjunção. O miniconto surgiu antes da internet, mas encontrou na internet um veículo perfeito e apropriado para se difundir. O miniconto é uma novidade. Narrativas curtíssimas existem na Bíblia, tem parábolas, o Esopo¹⁸, as fábulas. Mas não é isso, são contos, com toda a questão teórica do conto. Tem uma frase da minha dissertação que é assim: “Talvez seja difícil definir miniconto não pelo prefixo mini, mas pelo conto”, e aí eu fico um capítulo inteiro da dissertação tentando definir conto, a teoria do conto

¹⁷ Afirmação de Borges sobre Kafka no livro: BORGES, Jorge Luis. *Outras Inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁸ ESOPHO. *Fábulas Completas*. Tradução, introdução e notas de Neide Smolka. Ilustração de Claudia Scatamacchia. São Paulo: Moderna, 2012. (Travessias)

que é fantástica, Cortázar¹⁹, Poe²⁰, Piglia²¹. Miniconto é conto, essa seria a prerrogativa.

Luiz Henrique: Marcelo, sua tese foi uma das primeiras do Brasil a abordar a literatura digital e ela continua sendo uma referência indiscutível sobre o tema. Como você define a literatura digital? A disponibilização de livros em formato PDF e ePub já garante a condição de literatura digital?

Marcelo Spalding: Essa eu deveria colocar que é a primeira tese de literatura no iPad do mundo. Quando eu entrei no doutorado eu já fazia sites e fazia o site da PPG Letras da UFRGS. Conversando com a coordenadora do PPG, eu tinha acabado o mestrado, mas não sabia bem o que eu queria fazer no doutorado e não tinha orientador, é tudo muito difícil nesse meio, e ela disse que me orientaria. Eu achei muito legal, mas pensei: “Me orienta sobre o que?”. Porque ela trabalhava com espanhol e outras coisas que não tinham a ver comigo. Do lado dela tinha um certificado em um quadrinho, da Tania Carvalhal, de um simpósio de literatura e novas tecnologias, uma coisa lá dos anos 2000. Ela olhou e disse: “Quem sabe tu não escreves sobre isso?”, eu olhei e achei perfeito. Eu vou, finalmente, juntar na minha vida a tecnologia com literatura. Finalmente, eu vou conseguir casar as coisas. Já se falava de *Kindle*, começou a surgir a *Amazon*. Perfeito! Está aí o meu assunto, vamos trabalhar com isso. No começo a hipótese era o fim do livro, logo eu a descartei. O que ficou mais forte, para mim, era tentar mostrar que mesmo que o livro acabasse, por uma questão tecnológica, a literatura não acabaria com ele. Porque a literatura não estava apenas nos livros,

¹⁹ CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Debates, 104)

²⁰ POE, Edgar Allan. *A Filosofia da Composição*. Prefácio de Pedro Sussekind. Tradução de Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. (Clássicos) POE, Edgar Allan. Primeira, Segunda e Terceira Resenhas de Edgar Allan Por sobre Twice-told tales, de Nathaniel Hawthorne”. In: KIEFER, Charles. *A Poética do Conto*: de Poe a Borges. Tradução de Charles Kiefer. São Paulo: Leya, 2011. Anexos I, II e III, p. 329-367.

²¹ PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ela poderia estar no digital. Eu tinha uma tese, mas não tinha um objeto. Eu comecei a ver alguns sites na internet, Ciberpoesia do Capparelli, algumas coisas bacanas, mas muito insipientes. Eu comecei o doutorado em 2008 e o iPad surgiu em 2010. Quando eu vi o iPad, tinha o livro Alice no País das Maravilhas que quando você mexia o iPad ele mexia também e era uma super novidade. Nunca nenhum outro suporte pôde fazer isso, como o iPad podia. Assim eu defini meu objeto, porque o iPad está potencializando algumas coisas da literatura, melhor que o livro em papel. Isso dá sinal de que a literatura digital pode ser algo diferente da literatura impressa. Logo, mesmo que o livro morra por algum motivo, a literatura não vai morrer nunca. Esse foi o caminho que eu segui na minha tese. Literatura digital, para mim, é a literatura que se vale de ferramentas e técnicas do digital. Interatividade, colaboratividade, multimídia, programação, análise combinatória, lógicas de programação, enfim. Isso varia. Eu tenho alguns projetos de literatura digital, gosto muito deles, queria ter tempo de fazer mais alguns, espero conseguir fazer mais alguns, o site é www.litareturadigital.com.br, que não são projetos que tu podes transformar em PDF. Porque, para mim, o livro em PDF é como filmar uma peça de teatro. O teatro filmado não é cinema, é teatro filmado. De qualquer maneira, pegou. O e-book pegou, as pessoas leem muito na *Amazon*. Não sei se em algum momento os próprios livros da *Amazon* vão trabalhar mais com hiperlinks e com outras coisas, mas a coisa do livro digitalizado pegou. Na minha hipótese, o livro digital, o livro digitalizado e o livro impresso vão coexistir, como coexistiram o cinema e o teatro. Na minha opinião, ainda não se tem muito exemplo de livro digital. Quem está fazendo isso muito bem, e quase não se falava na época, é o jornalismo. Quando eu comecei a estudar esse assunto, o jornalismo não tinha muitos exemplos de reportagens multimídias e interativas e hoje é só o que tem. Hoje tem coisas maravilhosas no jornalismo, sites interativos, multimídia, participativos, colaborativos, jornalismo de dados. Na área das ações tem bancos de dados fantásticos. O jornalismo acabou indo mais rápido que a literatura e a literatura e a ficção ficaram um pouco para trás. Se bem que, o livro em papel está muito forte até hoje. Eu acho que a literatura digital é uma coisa do futuro. Talvez daqui a trinta, quarenta anos alguém diga: “Tinha um maluco lá atrás que disse que ia dar certo fazer um site interativo e ficcional”, mas não pegou ainda. E acho que não pegou porque ninguém sabe como ganhar dinheiro com

isso. No livro a gente sabe, a gente vende o livro. O *e-book*, a *Amazon* criou um sistema que consegue remunerar. Esse livro digital que é um site não dá para vender assinatura, ninguém vai pagar. O próprio iPad acabou não levando adiante esses projetos de *e-books*, porque ninguém estava disposto a pagar por um e-book desses. As pessoas pagam por um jogo, mas não pagam por livros multimídia. A questão que pegou foi a comercial, mas como linguagem me parece evidente que explorar a linguagem digital para fazer literatura e ficção está caindo de maduro.

Luiz Henrique: Eu gosto muito e acompanho aqui, tenho colegas que estudam, como o Rogério Barbosa, então acabo tento contato com literatura digital de alguma maneira. Me parece que é um gênero que vai ficar na experimentação e que também potencializa o autor para outros voos. É um gênero da experimentação, mas que potencializa o talento do autor. Não é um gênero que se encerra ali. Há uma convergência de linguagens em que todas elas potencializam a capacidade criativa do próprio autor.

Marcelo Spalding: Hoje, a publicidade tem feito isso, de certa forma. Ela tem se apropriado dessa linguagem para contar histórias multimídia e transmídia publicitárias, com um viés de mercado. Eu acho que vai aparecer, sim. Eu cheguei a fazer, durante um período, um concurso, um prêmio de literatura digital. Isso é uma coisa que, talvez, promovesse alguma organização nesse meio e estimulasse as pessoas a fazerem. Outra dificuldade em literatura digital é que eu posso ter uma ideia, mas eu não sei fazer. Eu tenho uma ideia de fazer um livro em que a pessoa digita o nome e aparece não sei o que, ou que tem uma programação por trás. Só que aí tem que ter um programador e um programador é um profissional caríssimo hoje e difícil de encontrar, com a pandemia ficou mais difícil ainda. Não é como um livro que a gente se senta e escreve. Aliás, eu sempre digo isso para os alunos. A grande vantagem da literatura em relação a qualquer outra arte é que um livro a pessoa se senta e escreve. Tiago tem uma ideia maluca de madrugada e começa a escrever uma história, ele trabalha nela e é uma história completamente autoral e artística. Cinema não é assim. No cinema você tem que conversar com um monte de gente, convencer um monte de produtor. A música

tem uma autoria maior, mas, ainda assim, precisa-se de alguém que componha, que faça os instrumentos. A literatura tem essa vantagem. A literatura digital também não é uma coisa autoral. Embora eu tenha feito os meus projetos com o que eu sabia de programação, as pessoas não têm conhecimento, e eu tenho algumas ideias que eu não consigo colocar em prática por não ter esses conhecimentos de programação. Esse pode, sim, ser um gargalo.

Tiago Mendes: Um certo receio que eu tenho com a literatura digital é que as tecnologias desaparecem quando as empresas não têm mais interesse por elas. Um caso que aconteceu recentemente é o do Flash. A Adobe encerrou o Flash e muitos projetos interessantes de literatura digital, principalmente de poesia digital, simplesmente ficaram inacessíveis. O papel, eu consigo ler um livro em pergaminho de três mil anos atrás. Será que vai haver no futuro uma arqueologia [do meio digital]?

Marcelo Spalding: Quando eu estava fazendo o mestrado, uma questão que me perturbou um pouco foi a do Robert Darnton e do Umberto Eco sobre a conservação dos livros digitais²². Na época eu não dei bola, e hoje, depois de uns dez anos ou um pouco mais, o aplicativo que eu usei como objeto da minha tese já não funciona. O iPad atualizou e a empresa não atualizou junto, então hoje não é mais possível rodar esse aplicativo. Eu tenho o vídeo que eu fiz, mas não consegue rodar o aplicativo. Sim, essa preocupação é pertinente. Fico curioso, as pessoas, às vezes, falam que elas têm não sei quantos mil na *Amazon* em livros digitais, nas suas bibliotecas e que a *Amazon* nunca vai acabar. É, possivelmente não, mas e se? Ninguém imaginava que o Flash fosse acabar. Para falar a verdade, eu nunca soube usar o Flash, nunca me entendi bem com o Flash, ele é muito difícil de usar. Fiz um curso, mas não aprendi nada, então, eu fazia em HTML e PHP, que é o que eu sabia. Então, eu tive sorte, porque os meus projetos ficaram, permaneceram. E, eu acho que, a HTML não é uma

²² DARNTON, Robert. *A Questão dos Livros: Passado, Presente e Futuro*. Tradução Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não Contem com o Fim do Livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

linguagem que poderá ser ignorada, ela pode ser aprimorada, até porque tem muito sistema rodando. É como o DOS, até hoje existe o DOS por trás do Windows. Por isso, eu acho, que a HTML não será descartada tão fácil. Mas, sim, é uma questão, Tiago. Na verdade, isso é coisa do escritor, da imortalidade, do livro que ficará para o resto do tempo. É uma coisa que foi criada, claro, ao longo do tempo, mas é uma coisa meio maluca. O cinema não tem isso. No cinema, ou o filme envelhece ou o filme termina, se gasta. É curioso isso. Na própria música, tem CDs que eu não consigo mais ouvir. Mas a literatura tem essa ideia, o livro impresso, eu concordo contigo. Também não temos certeza de que a literatura digitalizada vá continuar, é o mesmo dilema.

Luiz Henrique: Sem querer, você acabou contemplando as próximas perguntas, questões inerentes ao papel do digital.

Tiago Mendes: A gente ia perguntar, por exemplo, se o livro convencional seria substituído. Você já respondeu que eles irão coexistir, enfim.

Marcelo Spalding: Eu acho que o livro em papel vai existir enquanto houver compradores de livro em papel. Parece óbvio, mas não é. Eu fui dar uma palestra em uma turma de Cachoeirinha sobre o fim do livro e eu perguntei se as pessoas achavam que o livro vai acabar. Responderam que não, que seria um horror. Perguntei qual foi a última vez que eles haviam comprado um livro e eles nunca tinham comprado um livro. E não adianta me dizer que, por exemplo, o vinil não acabou. O vinil acabou. Estamos falando de um objeto que seja dominante na sociedade, não que seja objeto de decoração, objeto de coleção. Inclusive, o vinil custa mais caro hoje do que custava na época. Não é isso. Não é que o livro vá virar objeto de decoração. A gente quer que o livro continue existindo como objeto popular, como ele é hoje. O que pode atrapalhar isso é a questão dos custos e, claro, a questão da leitura, com certeza. Porque se não existe leitor, não tem leitor nem digital e nem impresso. Quanto à questão dos custos, existe um problema hoje que é o preço do papel, vai subir 30%. Está cada vez mais difícil fazer livros e vender pelo preço que um mercado paga pelo livro impresso. Isso pode jogar o livro na digitalização. Na minha opinião, o livro daqui a vinte anos vai ser

assim: por exemplo, o Tiago vai chegar no *shopping* para comprar o livro do Marcelo, o vendedor vai perguntar se quer comprar o livro impresso ou digital. Se optar pelo impresso, você terá que voltar daqui a uma hora para buscar. Vai ser assim. Não vai ter livro em estoque, vai rodar um por um.

Luiz Henrique: E já temos tecnologia para isso.

Marcelo Spalding: Sim, temos, só é um pouquinho cara e mesmo assim já existem muitos sites fazendo assim. O que não tenha, talvez, é essa coisa de ir à loja e pegar daqui a uma hora por um preço razoável. Hoje não tem, mas vai ter. É questão de tempo. Eu acho que o mercado vai ser assim, vai mudar completamente. Fazer um livro vai ser como fazer um blog, não terá nenhuma barreira de entrada, é só acabar o arquivo, fazer uma capa e deixar no banco de dados. Eu vejo esse caminho. Só que, de novo, porque o livro digitalizado vai convergir com o livro impresso. A literatura digital é outra coisa, são projetos literários em meios digitais, metaverso, na internet. Contudo, isso ainda é uma coisa experimental, ainda está começando, muito devagar. Não sei será popular no futuro ou não, não tem como saber.

Tiago Mendes: O Rio Grande do Sul possui um campo editorial e livreiro próprio. Tem editoras, autores, prêmios, eventos, enfim. O que explica esse campo tão forte no Rio Grande do Sul? Porque estamos acostumados a imaginar aquele eixo Rio-São Paulo. O fato de ter uma tradição em escrita criativa de décadas no estado pode ajudar a explicar esse fenômeno?

Marcelo Spalding: Eu acho que são uma série de fatores, eu não saberia voltar muito atrás. Mas me parece que o Rio Grande do Sul, durante um período, foi um estado muito escolarizado, se escolarizou antes do resto do país. Era um estado que estava bem economicamente, em relação ao resto do país. Hoje, nada disso é verdade. Hoje não está em uma situação, exatamente, boa. Mas é um estado que teve uma base boa, bons colégios públicos, enfim, acho que a formação lá é uma formação boa. E tem um

fator, que eu acho que ainda precisa-se estudar, eu ouço pouco falar sobre isso aqui no Sul, mas, pensando agora, tem o fator da feira do livro. A feira do livro de Porto Alegre teve um papel incrível na formação de leitores, de leitura, de colocar livro na mídia. As cidades pequenas reproduziram o formato da feira de Porto Alegre e, hoje, muitas cidades têm esse formato. As escolas têm feira do livro e isso permitiu que surgisse uma procura por oficinas. Quando o Assis Brasil lançou a oficina dele nos anos 1988, já havia o mercado de leitores e de autores. As oficinas do Assis acabaram criando uma geração de autores que hoje fazem barulho no Brasil todo. E eu posso dizer que eu sou um deles, eu sou filho da oficina do Assis Não sou um autor que ganhou grandes prêmios, mas, do meu jeito, eu acabei agitando. Estou, aqui, conversando com pessoas de fora do Rio Grande do Sul. Chega a geração de hoje, que está madura e dando um jeito de fazer dinheiro, de se virar, e aí publica livro, lança editora, lança curso de escrita. É uma roda que vem girando bem, mas que acho que agora chegou no Brasil, até pela digitalização. Agora as portas estão abertas para que isso se reproduza em todos os lugares. O Sul foi, sim, um celeiro desse tipo de escrita, de abordagem que funciona muito bem, eu acho. Falando de forma bem leiga, talvez, no futuro, se diga que isso surgiu no Sul, mas já se espalhou e, acho, que cada vez mais vai ser nacional.

Luiz Henrique: É o que a gente deseja.

Marcelo Spalding: Vocês não só desejam como estão fazendo acontecer. Não tem como não dar certo. Eu fiz o meu pós-doutorado na PUC sobre isso, cursos de escrita criativa acadêmicos no Brasil e foi uma decepção, porque não existiam. Era só a PUC e a UFRGS, uma linha, não tinha quase nada. Aí, falando de mestrado e doutorado. Pós-graduação tinha o do Vera Cruz, mas pouquíssima coisa ainda. Não sei muito o motivo, mas acho que a tendência é isso ser cada vez mais importante. Nos Estados Unidos isso é super comum, na Europa também. Eu acho que vai chegar aqui, não tem por que não. O nosso curso de formação de escritores é um exemplo disso. Temos alunos no Brasil todo com uma procura grande. A procura existe, o que falta mesmo é organizar isso nas instituições.

Tiago Mendes: Você coordena o projeto Artistas Gaúchos. Qual a importância de um projeto como esse com um catálogo de artistas? Como isso fomenta a cultura do estado e do país de uma forma geral?

Marcelo Spalding: Esse é um projeto antigo que eu não tirei do ar, porque está funcionando. Foi o primeiro site que eu tive, tirando a revista de minicontos. Eu trabalhava fazendo site para muitos artistas, eu tinha trinta, vinte clientes que eram artistas. Não só escritores, tinham músicos etc. A ideia do Artistas Gaúchos foi bem objetiva, foi criar um espaço de divulgação para os autores que tinham site comigo. Na época eu abri isso para qualquer escritor, para qualquer artista, porque eu oferecia site para quem se cadastrava no portal. E deu muito certo, eu vivi disso durante anos. Só que, claro, com o tempo surgiram muitas formas mais simples de fazer site, pelo próprio Google, Wix etc. Então, perdeu-se, um pouco, o motivo de eu ter o Artistas Gaúchos, mas como é um documento histórico e o catálogo é atualizado ele ficou no ar. E tem muito acesso, ele tem bastante acesso ainda hoje. O que eu acho que funciona no Artistas Gaúchos, e na época eu não percebia, é essa coisa de ser um catálogo com edição. Não adianta o Tiago se inscrever lá e dizer que é bailarino. Primeiro, eu vou tirá-lo, porque ele não é do Rio Grande do Sul, ele é mineiro. Segundo, eu vou pedir que o Tiago me envie um texto dizendo qual é o seu trabalho como bailarino. Isso os catálogos que existem e são automáticos não fazem, o que permite que qualquer um coloque uma *fake news* ou faça um exagero. O Artistas Gaúchos tem uma curadoria, vamos chamar assim. Eu acho que a palavra do futuro é curadoria, para tudo, notícias, livros. Os editores são curadores. O site ganhou credibilidade por isso. As prefeituras vão no site e encontram escritores, músicos e sabem que é músico mesmo. O que aconteceu com o tempo é que hoje tem muita coisa defasada. Existem muitos cadastros lá que são antigos, que eu teria que deletar, atualizar, enfim. Hoje eu o considero mais um documento histórico do que um documento atual. A ideia foi essa, e deu certo. Não sei se fomentou, nunca tive apoio nenhum do estado nem do governo, nada. Ganhei um Prêmio Açorianos por ele, mas só. Nenhuma *pila*, nem propaganda, nem nada. As prefeituras dizem que usaram muito. Foi ótimo para mim. Como ideia foi bom, as pessoas gostam, os artistas que estão ali gostam. Então, nesse aspecto de catálogo, funcionou bem.

Luiz Henrique: Marcelo, o que você diria para o nosso aluno do curso de Letras? Dá um conselho para esse aluno que está fazendo Letras – Tecnologias da Edição e deseja, portanto, trabalhar no campo editorial. O que você diria a ele?

Marcelo Spalding: Primeiro, o óbvio, ler. Ler muito, consumir livros, ir à livraria, comprar o livro, olhar o livro e reparar na capa, no papel. Olhar o livro de uma forma diferente da que a gente sempre olhou como leigo. Ler. A leitura é a base, a água para regar a nossa motivação em trabalhar com livros. Fora isso, tem a questão do empreendedorismo. Não dá para dizer que não tem perfil. Primeiro, tem que se testar, tem que ver para que tem o perfil. Empreendedorismo, estudar um pouco disso, eu acho que é importante também. Outra coisa é tentar aprender a usar softwares. Estudar InDesign, tem que saber InDesign. Se aprofundar muito no Word, não pouco, muito. Essa coisa do software sempre foi muito útil para mim. Eu sou muito bom no Excel, Power Point e Word, aprendi, mais ou menos, a usar o Dreamweaver, Photoshop e InDesign e com isso tem trabalho para a vida inteira. Tem um livro que traz um conceito bacana de soma das habilidades. E eu digo para os alunos que eu não sou o melhor escritor do mundo, bem pelo contrário, não acho nem que eu seja um grande escritor no cenário brasileiro; eu não sou um bom *designer*, pelo contrário, eu sou um péssimo *designer*; não sou um bom programador, sei programar o básico; professor eu acho que sou bom, mas, certamente, existem melhores; como jornalista eu me viro, tenho diploma. Então, como é que eu consegui fazer o que eu fiz? Somando o programador, o jornalista, o *designer*, o escritor e o professor, e achei um trabalho em que tudo isso faz sentido. No online mais ainda, porque aí veio a minha ideia de ser o William Bonner, não fui o William Bonner, mas estou no vídeo dando aula. Somando, juntando tudo isso, deu o Marcelo, que é professor do curso. É preciso ter habilidades variadas. Software é uma habilidade muito reconhecida, mas não só. Se alguém adora música e está deixando de gostar de música, ou deixando de dar atenção para a música, porque quer trabalhar com editorial, não o faça. Segue na música. É na música que tu vais encontrar seus clientes, que tu vais encontrar o seu nicho. A soma das habilidades é muito importante hoje. Outra coisa, eu digo para os alunos, a gente gosta de ler e de escrever e vai trabalhar com literatura, mas aí a gente estraga um *hobby*. Entendam isso. Vocês

não podem trabalhar com livros porque gostam de livros. Claro que é muito melhor trabalhar com o que a gente gosta do que trabalhar com o que a gente não gosta, mas não dá para encarar um trabalho com livros assim. Por exemplo, se eu tenho que ler um livro para amanhã, eu tenho que ler para amanhã. Ah, mas o tempo está ruim para ler. Tem que ler, é chato, mas tem que ler. Tem que ter profissionalismo, é trabalho. Como dicas, seriam, por enquanto, essas.

Tiago Mendes: Quais as próximas novidades como escritor, como editor e como professor? O que vem por aí? O que podemos esperar do Marcelo nos próximos anos e nos próximos meses?

Marcelo Spalding: Primeiro eu preciso dizer uma coisa que, eu acho, vocês estão no lugar certo para pensar sobre isso, estudar e provocar essa discussão. Eu tenho uma reflexão sobre o que é ser editora hoje, o que é ser editor hoje, o que uma editora hoje faz. Uma editora hoje faz livros. Uma editora hoje faz livros e sites. Uma editora hoje faz livros, sites e projetos digitais para redes sociais. Uma editora hoje faz vídeos, vídeos para o YouTube. Uma editora hoje é como é uma gravadora, que produz o músico para muito mais do que apenas o CD, tem o show, as entrevistas. Acho que temos que pensar o que será uma editora no futuro. Isso é uma questão muito importante para quem tem uma editora e quer trabalhar nesse mercado por mais vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos. Se formos uma editora que só faz livros impressos, é possível que a gente não sobreviva. Se conseguirmos nos colocar como produtores de conteúdo, talvez, tenhamos mais chances de ir adiante. Isso é uma questão importante. Eu, pessoalmente, tenho algumas ideias de livro, tem uma que eu até posso falar, mas preciso começar a escrever primeiro, se não vão roubar a ideia de mim. Se eu falar aqui não vão poder roubar, então, é um livro chamado Pixar para Escritores. Eu gosto muito da Pixar²³, dos seriados, dos curtas, dos longas, e eu queria fazer um livro de resenhas das animações da Pixar, focando em técnicas de escrita. Não sei por que eu não comecei a fazer ainda, mas é algo que eu queria muito fazer. Quem sabe aparece em algum momento aí. Tenho um pouco de medo de ser

²³ Para maiores informações sobre o estúdio, projetos, curtas e longas-metragens, inclusive sobre o filme “Soul”, acessar: <<https://www.pixar.com>>.

processado pela Pixar, mas acho que não vou ser. Eu também queria, e deveria, criar um canal no YouTube. Eu já tenho um canal no YouTube, mas é muito fraquinho. Eu deveria focar mais no YouTube. Hoje, assim como foi a ideia do jogo lá atrás, que ficava me incomodando, o que me incomoda é o YouTube. Eu deveria ter um canal no YouTube para falar de literatura, para falar de escrita e de escrita criativa com mais constância. Talvez eu consiga dar conta desse projeto. Então, seriam aí esses dois projetos. E, sem contar, mais livros de literatura digital, que é uma coisa que eu gosto muito e acho que tem muita repercussão. Ideia tem bastante. A questão é tempo para todas as ideias, que, às vezes, falta. O que é bom.

Tiago Mendes: Tomara que você consiga fazer o projeto da Pixar. É interessante pensar o livro a partir do roteiro, porque estamos muito mais acostumados a criticar roteiro, achar furos no roteiro, enquanto o livro parece que é algo sagrado.

Marcelo Spalding: Essa foi uma questão boa de ter usado escrita criativa e não criação literária para o livro. A escrita criativa não é só para fazer livros e textos. É para fazer roteiro de quadrinho, de cinema, de texto publicitário etc. Eu gosto muito da narratologia, que é uma coisa que o Barthes²⁴ trouxe nos anos 1960, no estruturalismo, ele rejeitou depois, porque ele se tornou um pós-estruturalista e as coisas estruturalistas saíram de moda, mas eu gosto muito, eu sou meio racional assim. O estruturalismo tinha uma coisa meio apolítica que foi criticada, mas olhar as estruturas das narrativas, olhar, por exemplo, a verossimilhança, o *turning point*, usando a Pixar, porque aquelas animações são incríveis, tem coisas impressionantes e um trabalho de equipe com muito dinheiro. Eu diria que as grandes obras de arte hoje, as melhores mentes e o dinheiro estão nesse tipo de produção. A animação tem uma coisa curiosa, parece que tudo o que tinha que ser contado no cinema já foi contado, mas a animação não está presa ao vídeo ou às pessoas, ela pode fazer. Foi o *Soul* que me abriu para isso. O *Soul* tem algumas soluções de animações que são fantásticas e que não tem como fazer em filmes, porque mesmo com

²⁴ Há um considerável acervo sobre estruturalismo e sobre narratologia. Sugerimos, como introdução, a obra: BARTHES, Roland *et al.* *Análise Estrutural da Narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Introdução de Milton José Pinto. 8ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

efeito especial ficaria esquisito, e na animação se consegue. Às vezes, tratar temas pesados na animação é mais fácil, porque ela tira um pouco desse peso. Hoje, eu consideraria as animações da Pixar a arte do século XXI. Assim como foram os quadrinhos a um tempo atrás e os games que, talvez, ainda não estejam no ponto exato da arte, os seriados também, mas as animações da Pixar são um exemplo fantástico. Para o pessoal que está assistindo, se vocês não conhecem os curtas metragens da Pixar, é um projeto chamado *SparkShorts* e é muito legal. Nesse projeto eles trabalham com temas que eles não podem trabalhar nos longas, como questões sociais. Tem um que trata sobre questão de gênero, outro sobre a questão da homossexualidade, outro que fala sobre deficiências. É muito legal. Então, eu acho que seria um livro bacana, Tiago. Sem contar a história do Steve Jobs, que é maravilhosa. Eu não sou um grande fã do Steve Jobs, mas a história dele é muito boa, e foi ele quem criou a Pixar. Ele foi demitido da Apple e criou a Pixar e depois a Disney comprou. É muito louco pensar nisso, é uma história fantástica. Quem sabe eu realmente faça esse livro. Estou até pensando, Tiago em falar, gravar e depois transcrever, porque talvez eu consiga fazer melhor do que se eu parasse para escrever.

Tiago Mendes: É uma técnica criativa interessante, gravar e depois transcrever, porque flui melhor, na escrita a gente trava mais.

Luiz Henrique: Pode funcionar.

Marcelo Spalding: Isso gera outra entrevista. Hoje, um grande dilema que eu tenho e que os alunos têm durante o curso é se a escrita está saindo de moda, é se as pessoas no futuro necessariamente terão que saber ler e escrever, ou se a oralidade não irá compensar. Porque existem softwares que transcrevem, inclusive, de forma automática, mas essa é outra discussão. Já que a gente tocou no assunto, eu diria para quem está nos ouvindo que, se vocês forem transcrever algo que foi dito, isso é matéria bruta, literariamente, tem que trabalhar bastante em cima. É a ideia, mas não é ainda a obra final.

Luiz Henrique: Bom, podemos encerrar a entrevista agradecendo a você, Marcelo, por estar conosco. Pelo tempo, pela paciência, e pela aula que nos deu. Agradecer demais!

Tiago Mendes: Nós só temos a agradecer. Foi muito bom, muito produtivo! Passou do tempo que nós tínhamos programado, mas só temos a agradecer.

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Av. Amazonas, 5.253, sala 344 – Nova Suíça
Belo Horizonte, MG, Brasil – CEP 30.421-169
Telefone: +55 (31) 3319-7140

Coordenador

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Vice-coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Profa. Dra. Maria do Rosário Alves Pereira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)

Coleção Palavra Editada

Coordenação Executiva
Tiago Mendes de Oliveira

Coordenação Geral
Luiz Henrique Silva de Oliveira

Livreto produzido nas tipografias
Cambria e Londrina Solid no
inverno de 2022.

